

No quintal da casa de madeira: saberes, fazeres e dizeres dos benzedores e benzedeadas do oeste de Santa Catarina¹

FERNANDA BEN*

Resumo: esta comunicação pretende socializar o processo de execução e os resultados do projeto *No quintal da casa de madeira: saberes, fazeres e dizeres dos benzedores e benzedeadas do oeste catarinense*, que objetivou realizar o mapeamento, o registro e a salvaguarda do modo de vida de benzedores e benzedeadas do oeste catarinense. A proposta foi apresentada pelo Museu Histórico de Pinhalzinho, por meio da Prefeitura Municipal de Pinhalzinho, ao Edital n. 001/2012 do Programa Nacional de Patrimônio Imaterial (PNPI/IPHAN) vinculado ao Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Durante todo o ano de 2013, uma equipe de pesquisadores/as do Museu Histórico de Pinhalzinho, com colaboração do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM/Unochapecó), realizaram pesquisa que resultou no mapeamento e registro da sabedoria e vivência de benzedores e benzedeadas. Os resultados da iniciativa foram compartilhados por meio da elaboração de referenciais, oficinas e ações educativas, tais como: cartilha de apoio didático; documentário audiovisual; exposição em painéis; oficinas de formação de multiplicadores; oficinas de Ação Educativa; e oficinas socializando práticas de saúde e qualidade de vida.

Palavras-chave: registro, salvaguarda, patrimônio imaterial, benzimentos, sabedoria popular.

1 Apresentação

No Oeste Catarinense, há uma grande riqueza de conhecimentos e práticas tradicionais que são transmitidas oralmente, de geração a geração. A maioria desses saberes ancestrais, reside na memória das pessoas e, poucas vezes, são registrados ou salvaguardados.

Sem registro e visibilidade, boa parte desses conhecimentos corre o risco de desaparecer, já que sua continuidade depende da transmissão dos saberes dos mais velhos aos jovens. Por isso mesmo, uma das características mais importantes do Patrimônio Imaterial depende diretamente do valor e do reconhecimento que lhe atribuímos: um saber oral só é perpetuado quando dedicamos tempo para ouvir o que os mestres dos saberes tem a nos ensinar.

* Coordenadora do Museu Histórico de Pinhalzinho, Mestre em História Cultural pela UFSC e Consultora nas áreas de Elaboração e Gestão de Projetos Culturais.

¹ A iniciativa descrita contou com a atuação e colaboração em todo o processo de execução do projeto e na confecção dos produtos – cartilha, documentário, exposição e oficinas – de uma equipe multidisciplinar de pesquisadores, historiadores, arte-educadores, pedagoga e técnicos da área de patrimônio cultural que seguem apresentados: Carmen Tereza Salvini, Denise Argenta, Leila Salvini, Márcio Luiz Rodrigues, Diana Cristina dos Santos, Simone Barbieri Nalin, Regina Helena Meirelles Santiago.

No caso dos saberes ancestrais dos benzedores e benzedoras do oeste catarinense, mapear, inventariar e registrar os saberes desse grupo tem a função de dar visibilidade ao vasto e rico patrimônio imaterial existente nessas práticas cotidianas. Quer dizer, ao realizar essa pesquisa, reconhecemos a importância dos muitos homens e mulheres que, ao longo de gerações tem contribuído para a preservação da saúde das comunidades do oeste catarinense.

Com essa finalidade o Museu Histórico de Pinhalzinho, por meio da Prefeitura Municipal de Pinhalzinho, apresentou ao edital n. 001/2012 do Programa Nacional de Patrimônio imaterial (PNPI/IPHAN) o projeto “No quintal da casa de madeira: saberes, fazeres e dizeres dos benzedores e benzedoras do oeste de Santa Catarina”. A proposta foi premiada e possibilitou registrar e documentar as práticas, vivências e experiência dos benzedores e benzedoras localizados em três municípios do Oeste de Santa Catarina (Pinhalzinho, Chapecó e Campo Erê).

A execução do projeto iniciou com o mapeamento dos benzedores e benzedoras com mais idade e tempo de atuação nos municípios de Pinhalzinho, Chapecó e Campo Erê. Uma equipe de pesquisadores do Museu Histórico de Pinhalzinho visitou cada um dos 23 benzedores e benzedoras mapeadas e fotografou os lugares, as casas, o quintal e os locais onde os benzedores praticam seu ofício. Também foram realizadas entrevistas filmadas em cada local visitado, perguntando sobre o início da prática do benzimento, como foi adquirido esse saber, sobre as orações, manipulação de ervas, saúde, qualidade de vida e, também, sobre o papel do benzedor ou benzedora na comunidade.

A intenção da pesquisa foi reunir um banco de dados sobre os saberes e expressões das práticas tradicionais de cura, manipulação de ervas e formas de benzimentos, a fim de disponibilizá-lo a pesquisadores, estudantes e a comunidade local e nacional.

A partir da apreciação do material de pesquisa coletado, foram produzidos:

- a) Cartilha educativa, contendo material de apoio ao professor, destinada a estimular a ação educativa a partir dos referenciais de história, memória e identidades regionais;
- b) Um documentário audiovisual, com duração de 40 minutos, que acompanha esse material de apoio;

- c) Uma exposição itinerante em painéis (23 unidades) que visibiliza práticas e saberes coletados durante a etapa de pesquisa;
- d) Oficinas socializando práticas de Saúde e Qualidade de Vida destinada a mães e gestantes, com o objetivo de compartilhar os saberes e práticas de cura, relacionados à manipulação de ervas e cuidados tradicionais;
- e) Oficinas de Formação de Multiplicadores, destinadas a professores de todos os níveis de ensino, a fim de difundir os conhecimentos produzidos durante a pesquisa, ampliando o número de pessoas que reconhecem, valorizam e preservam o Patrimônio Imaterial do Oeste Catarinense;
- f) Oficinas de Ação Educativa para estudantes de todos os níveis de ensino, centradas nas temáticas de valorização do patrimônio cultural Imaterial, com ênfase na história e memória dos benzimentos e práticas de cura do Oeste Catarinense.

Além da participação nos registros documentais, os benzedores e benzedoiras identificados como *detentores dos saberes*, atuaram como colaboradores nas oficinas de formação de multiplicadores, de ação educativa e de Saúde e Qualidade de vida, contando suas experiências de vida e compartilhando seus conhecimentos.

Em resumo, a iniciativa objetivou mostrar o quão rica é a cultura popular e tradicional da região Oeste Catarinense, e quanta sabedoria se esconde em lugares bem próximos de nós.

2 História e Memória dos Benzimentos no Oeste Catarinense

2.1 Do contestado ao Velho Xapecó

Muito tempo antes da criação do município de Chapecó, em 1917, o sertão catarinense já era morada de muitas pessoas. Além dos povos Kaingang e Guarani, que habitam a área há vários séculos, caboclos passaram a ocupar esse espaço pelo menos desde o século XVIII.

Para explicar a origem dos caboclos na região, recorreremos ao professor Alceu Werlang (2006) que pesquisou o processo de colonização dessa área. Ele lembra que os impérios português e espanhol disputavam a posse das terras do continente latino americano.

Para garantir o território, uma das estratégias usadas por Portugal se baseou no princípio jurídico conhecido como *uti-possidetis*. Assim, muitos portugueses foram estimulados a ocupar as áreas para além dos limites dos tratados, a fim de garantir a ampliação do território de domínio português no Brasil Colônia.

Falar do oeste catarinense nos remete ao sertão entendido aqui como a região mais distante da capital, fronteira e com características peculiares (AMADO, 1995). Mas o oeste do Estado de Santa Catarina, é conhecido também pelo termo histórico “Velho Xapecó”. Ou seja, a grande extensão territorial que compunha o município criado pela Lei Estadual nº 1.147, de 25 de agosto de 1917.

O Velho Xapecó possuía uma extensão de mais de 14 mil quilômetros quadrados. Seus limites iam do Rio Irani, na divisa com o antigo município de Cruzeiro (atual Joaçaba), até o Rio Peperi Guaçú, na fronteira com a Argentina.

2.2 A memória das práticas de cura e dos cuidados com a saúde no Velho Xapecó

As práticas de cura estão ligadas ao próprio desenvolvimento das sociedades humanas. Desde os primórdios das civilizações, é possível encontrar registros de ritos e práticas destinados a apaziguar os deuses, alcançar a cura ou obter sucesso nas mais diferentes áreas.

À medida que as sociedades foram se aperfeiçoando, os saberes relacionados à arte da cura, cada vez mais se tornaram parte da nossa história. Esses conhecimentos contribuem, há milênios, para mitigar dores e aliviar os mais diversos males. Além de oferecer esperança e conforto – porque, como dizem os benzedores e reafirmam as crenças populares, *os males físicos se curam com chás, mas os males da alma, carecem de reza e fé*.

Ainda antes da criação do município de Chapecó, no sertão catarinense, uma significativa população composta principalmente por comunidades indígenas e, mais tarde, caboclos, foi desenvolvendo modos próprios de cuidar da saúde e mitigar doenças. Afinal, como em todo o interior do Brasil, hospitais eram raros e distantes e a população precisava desenvolver estratégias, com os recursos disponíveis na região, a fim de curar ou manter a saúde.

O sistema de saúde pública, como o conhecemos hoje em dia, surgiu muito recentemente. Porém, as comunidades indígenas já dominavam o cultivo de determinadas plantas e conheciam suas propriedades medicinais. Esses conhecimentos eram aliados à

observação do cotidiano, e à ritualização de práticas destinadas a aumentar a potência do remédio ou acelerar seu efeito. Os primeiros europeus a chegar à região aprenderam e ressignificaram esses saberes, incorporando-os ao seu dia a dia e acrescentando rezas, de acordo com suas crenças religiosas e em seu próprio idioma – em geral o português ou, mais raramente, o espanhol.

Foram pelo menos dois séculos de convivência entre imigrantes europeus e comunidades indígenas, que deram origem à etnia que hoje conhecemos como “Caboclos” ou “Brasileiros”. Seu modo de vida foi muito influenciado pelos antigos habitantes da região – povos indígenas Kaingang e Guarani – dos quais herdaram práticas milenares de cura.

Com o início do processo de colonização oficial, a demanda por médicos e remédios aumentou na mesma proporção do aumento da população. Essa nova leva de ocupantes da região já conhecia as práticas médicas formais. Mas, no recém criado município de Chapecó, os médicos eram raros e ficavam a muitos dias de viagem dos povoados recém formados.

Nesse cenário, rezas, simpatias, chás e benzimentos eram práticas comuns e repassadas de geração a geração. As pessoas que possuíam conhecimentos mais especializados sobre as formas de cultivo e manipulação das plantas, formas de cura e cuidado – que podiam incluir benzimentos e simpatias – eram conhecidos como benzedores e benzedoras ou curandores e curandeiras.

E, se hoje em dia, benzedores e curandores tem status e prestígio junto às comunidades, naqueles tempos, eram indispensáveis à saúde do povo e à continuidade da vida no sertão. A fama de benzedores e benzedoras chegava aos rincões mais distantes, e as pessoas viajavam vários dias para receber o atendimento, que era sempre voluntário e gratuito.

Os remédios como conhecemos hoje em dia, começaram a aparecer muitas décadas mais tarde. No sertão catarinense e, depois, nos tempos do Velho Xaçapó e primeiros anos da colonização, chás, xaropes, garrafadas, infusões, emplastros, fabricados com base em plantas nativas, eram frequentemente utilizados e suas propriedades medicinais passadas de geração à geração. Também era comum o uso medicinal de derivados de animais como a banha de porco ou de galinha, tidos como remédios para inúmeras enfermidades.

Depois, com a institucionalização das práticas relativas à medicina convencional, os saberes populares sofreram um processo de estigmatização e, em muitos casos, foram criminalizados. Apesar disso, muitas das práticas de cura que hoje chamamos de

“alternativas”, resistiram e permanecem bem vivas na região. Especialmente porque, tanto os saberes sobre a arte da cura, quanto a busca por práticos benzedores ou curandores são herdados.

2.3 O cultivo das ervas

Os saberes relacionados ao uso das ervas são uma herança cultural dos grupos indígenas que habitavam a região Oeste Catarinense. Os conhecimentos das comunidades indígenas da região foram se combinando aos usos e costumes dos caboclos e descendentes de migrantes, a partir do período de colonização, e chegaram aos nossos dias.

Seu Ari Lazzarotti tem descendência indígena e italiana e conta que herdou da mãe seus conhecimentos: “Então com seis anos, minha mãe me ensinou: ‘tu tem que pedir licença pro Deus da natureza pra mexer na erva!’ Porque é um ser vivo o pé de erva, como é que você vai chegar com um facão cortando. Tem que pedir licença, tira uma folhinha, faz um chazinho, que vai te fazer bem.”

Então, desde criança eu já tinha essa visão, esse gosto pelas plantas. Me lembro que até extraviei depois um caderninho onde eu copiava as coisas que minha avó fazia. Então alguns benzimentos, as plantinhas pra que serviam [...]. Mas eu sempre fui adepta disso, gostava muito de benzimentos, gostava muito de orações. (Davina Fátima Ferla).

As ervas eram plantadas geralmente na horta ou no quintal das casas, e utilizadas para cura das doenças mais corriqueiras: gripe, febre, resfriado, dor de cabeça, indisposição estomacal. Exemplo disso são a camomila, utilizada como chá calmante e na cura de feridas e infecções externas, por meio dos populares *banhos*, para amenizar a infecção do ferimento; e o chá de macela, indicado para mal-estar estomacal.

2.4 A arte do benzer

A prática do benzimento, exercida pelos benzedores e benzedadeiras, envolve rezas, evocação de santos e rituais que incluem diferentes modos, fazeres e dizeres. Em geral, as práticas seguem um padrão comum a todos os benzedores e benzedadeiras. Mas os símbolos e elementos de apoio à prática variam, dependendo da confissão religiosa de cada um. Os mais comuns são água, bíblia, ramos de plantas, velas, barbante, gestos e orações que estão relacionados às técnicas e práticas de cada benzedor ou benzedeira. É muito comum o benzedor manter um altar ou um espaço da casa reservado para a prática, marcado com seus

símbolos de devoção pessoal. Do mesmo modo a forma de benzer também é caracterizada pelo jeitinho, a arte de fazer de cada um.

Cada benzimento, tem uma oração. Por exemplo, se benze de quebrante, é uma coisa. Amarelão, dá pra incluir, se tem uma criança doente ali, fraquinha, desanimada, aproveita para benzer ela de quebrante, mau olhado, de anemia, amarelão, fraqueza, desânimos. A gente pode benzer também pra depressão; tem vários benzimentos, que a gente pode benzer [...]. (Alzira dos Santos Esteriz).

Olha se é amarelão, então, eu peço pra traze nove ovos e um retrós de linha. Daí eu tiro as medidas... eu meço a pessoa, enrolo no ovo e a cada dia eu coloco um ovo no fogo. Aí a pessoa deve rezar uma Salve Rainha e uma Ave Maria por dia, pra ajudar a dar força pro benzimento. Depois dos nove dias, eu peço pra voltar pra prova, ver se está bom, se não, a gente faz o reforço. [...] Se é pro amarelão é isso dali, se é pra quebrante, mau olhado, essas coisas todas, então eu tenho um raminho de arruda e aquele líquido de sete ervas, que eu passo na pessoa, pedindo a proteção. (Igues Spada).

Pra benzer eu uso arruda, guiné e o meu rosário. (Terezinha Oraide dos Santos).

Pra cada coisa é uma coisa. Há muitas orações diferentes, mas sempre invocando, em primeiro lugar, a presença de Deus. Para cada finalidade você precisa a oração. Porque vai também pela tua intuição, o meu trabalho vai bastante da intuição, então o conhecimento é bem importante, mas a sabedoria divina ninguém tira. (Davina Fátima Ferla).

Entre as características que identificam benzedores e benzedoras, comuns a todos os participantes desta pesquisa, destacamos:

- Saber herdado dos antepassados e aperfeiçoados a partir das experiências e práticas cotidianas de cada um;
- Todos os entrevistados demonstraram profunda fé nas suas crenças e símbolos;
- Amplo conhecimento das plantas e suas propriedades medicinais, além da prática de produzir remédios a partir das plantas;
- São mestres de sabedoria popular, ou seja, são pessoas de idade avançada, muitos sem instrução formal mas com um conhecimento prático tão profundo que, em alguns casos, é buscado por centros de pesquisa e universidades;
- Todos demonstram preocupação com a transmissão e continuidade do saber.

Além disso, identificamos, em alguns casos, a participação dos benzedores em cursos de aperfeiçoamento, como os ofertados pela pastoral da saúde e pela fundação de assistência social. Mas, regra geral, mais que aprender, o benzedor está sempre ensinando. Ensina como preparar o chá, ensina como cultivar a planta, ensina como proteger o recém nascido, ensina que rezas e simpatias são eficientes para os mais diversos males. E, se nada mais resolver,

basta chegar na casa do benzedor, independente da hora. Sempre haverá um conforto e uma palavra amiga.

O benzimento não se restringe aos males que adoecem as pessoas. A maioria dos benzedores também benzem casas, plantas, animais, tempestades e diversas situações e ocasiões que requerem proteção e benção.

Moreira e Wollf (2011), escrevem sobre o ofício das benzedoras e afirmam que atuam “sob a aura da religiosidade, manipulando instrumentos domésticos de uso cotidiano [...] recitando rezas e fazendo o sinal da cruz, estabelecem uma ligação com os santos, proporcionando, assim, a cura dos males que surgem no cotidiano”. Já Oliveira e Padilha (2011, p. 2880) afirmam que: “As benzedoras, diferentemente do que se costuma pensar, estão ligadas através da memória, a uma série de conhecimentos, que caracterizam a sua importância como grupo social e como povo constituinte dessa nossa nação”.

A minha avó, mãe do meu pai, benzia pra várias doenças – machucadura, dor de cabeça, dor de dente... A mãe também trabalhava com benzimentos [...] e outros benzimentos a gente foi aprendendo. Aprendi muito com um tio meu que morava em Bom Jesus que era um curador, muito procurado. Aprendi com ele muitos benzimentos, fazer remédios e pomadas.” (Alzira dos Santos Esteriz).

Segundo os benzedores e benzedoras pesquisadas, um fator determinante para que o tratamento seja eficaz é a fé. Geralmente, a cura das enfermidades está condicionada à crença e à cultura de cada pessoa, sendo que a ciência não considera esses saberes. De fato, as práticas populares independem de explicações científicas, e os relatos explicitam que a cura e/ou amenização dos sintomas das doenças são possíveis, desde que a pessoa tenha fé e acredite na cura.

Se você não crê em Deus, na santidade, nos anjos da porta do céu e ao nosso redor não adianta benzer. (Terezinha Oraide dos Santos)

Em primeiro lugar é a oração, é Deus acima de tudo e de todos. Então, eu sempre digo: ‘coloque Deus em primeiro lugar, ele é o melhor médico dos médicos!’. Então assim, você precisa acreditar, você precisa fazer a coisa acontecer. (Davina Fátima Ferla)

Eu peço a Deus: ‘meu pai atenda meu pedido!’. Se é uma enfermidade, eu digo: ‘meu Deus, o senhor é o nosso médico dos médicos, lá do céu e aqui da terra, estenda as mãos sobre essa pessoa, reprenda a enfermidade. Seja o que for, que com suas mãos santas sagradas ele há de ficar curado. (Olivina Rosário)

A sabedoria popular afirma que as condições de sobrevivência contemporâneas, aliadas às tecnologias e ao grande volume de informações, frequentemente obscurecem a

relação do homem com a natureza e com as leis criadoras do universo. Por isso, afirma-se a perda de conexão com os sentidos, com a intuição, as emoções e as sensações que, de acordo a crença ancestral, é parte da essência humana e era vivenciada mais intensamente pelos antepassados.

2.5 A origem dos rituais de cura na história

A palavra benzer significa abençoar – ou, em linguagem popular, tornar *bento*. Em todas as sociedades é possível encontrar manifestações ritualizadas, em que objetos, gestos, palavras são combinadas a elementos da natureza para reforçar e acelerar a cura ou na expectativa de alcançar alguma graça – ou seja, promover a realização de determinado acontecimento desejado.

No Brasil, as diferentes origens dos povos que formam a nação, possibilitaram manifestações únicas de fé e de religiosidade popular, que hoje são consideradas parte do Patrimônio Imaterial Brasileiro. Próprios da miscigenação – quer dizer, da mistura de crenças de diferentes origens étnicas – os rituais de cura estão misturados à história e à memória dos grupos étnicos do Brasil. Os povos indígenas tinham seus próprios rituais de cura, combinados com o poder das plantas, ainda que recebesse outros nomes.

Anos depois, com a chegada dos europeus e suas tradições religiosas seculares, e dos povos de diferentes partes do continente africano, novos elementos foram incorporados e ressignificados. Assim, saberes, ritos e rezas de diferentes vertentes e crenças acabaram adaptados à realidade brasileira e incorporados às tradições religiosas populares do país.

Embora não reconhecidas pelo catolicismo oficial, essas práticas se mesclaram, se reinventaram e se disseminaram, especialmente nas regiões mais distantes e desassistidas pela igreja e pelos governos. Nesses locais, onde os benefícios da ciência chegaram tardiamente, o processo de implantação do sistema de saúde oficial aconteceu de forma lenta e nem sempre reconheceu as contribuições fundamentais de benzedores, benzedoras, curadores e curandeiras para a consolidação da colonização. Porém, antigas tradições persistem e, ainda hoje, é possível encontrar famílias que mantêm o costume de recorrer aos benzimentos e remédios naturais.

Os sertões são o habitat original de benzedores, benzedoras, curadores e curandeiras. Mas, nos dias atuais, com a intensificação do processo de urbanização, assistimos a uma ressignificação dessa prática: de atividade essencialmente rural, ambientada na vida do campo

e no contato com a natureza, o exercício do benzimento cada vez mais ganha os centros urbanos. Hoje, é possível encontrar, mesmo nas áreas mais povoadas do Oeste Catarinense, residências que são testemunhas de resistência à vida urbana, e pequenos oásis de cultivo de plantas e ervas, onde vivem benzedores e benzedadeiras, figuras clássicas da crença popular.

3 Considerações finais

3.1 Os benzimentos e as práticas de cura tradicionais no tempo de hoje

Para falar dos benzedores e benzedadeiras do oeste catarinense contemporâneo, é necessário compreender a formação histórico-social brasileira e, principalmente, a formação desse espaço geográfico que foi povoado por indígenas, caboclos e, no século XX, por descendentes de migrantes gaúchos e europeus. Também é importante analisar que o cenário das práticas de cura, uso das ervas, orações e benzimentos, é repleto de simbologia e saberes que revelam as experiências e vivências de uma herança cultural que foi transmitida de geração em geração.

A prática do benzimento é um saber embebido na mistura dos conhecimentos dos povos em solo brasileiro, da mistura das crenças, das tradições e religiosidade indígena, africana e europeia. De uma tradição que vem sofrendo o hibridismo ante as diversas formas sincréticas em nosso território, tecendo releituras diversificadas em cada região do país sobre esse ritual da benzeção. (RODRIGUES, 2013, s/p).

Na variedade de simbologias atribuídas a benzedores e benzedadeiras é possível perceber a construção de sua identidade atrelada à convicção de portadores de “dons”, pela sua crença na promoção da cura através dos benzimentos. A comunidade que o benzedor ou a benzedeira atuam também os reconhecem e respeitam pelo trabalho solidário que auxilia os moradores locais.

Sempre ajudei, fui e sou muito respeitada e procurada. Quando trabalhava no colégio todos os dias eu benzia crianças e professores. Já houve médicos que encaminharam pessoas doentes aqui. Ainda hoje atendo muita gente. (Alzira dos Santos Esteriz)

A comunidade gosta muito de mim e do meu trabalho; atendo todos que vem pedir ajuda. (Olivina Rosário)

Maria Clara T. Machado (2007, p.3) pesquisa a cultura popular e diz que ela é uma das formas de as pessoas expressarem suas experiências e vivências. Mais do que misticismo, essas formas de expressão estão impregnadas “por formas de sobrevivências, de lutas;

refletem situações concretas, são práticas de um mundo real, foram construídas, estão entremeadas no cotidiano, no fazer do dia a dia dos seres humanos”.

Nos dias de hoje, benzedores e benzedoras se preocupam com a transmissão do conhecimento. É sabido que essa é uma tradição transmitida oralmente, e muitos dos participantes da pesquisa manifestam sua preocupação, por não terem a *quem ensinar* esse saber.

Essa iniciativa nasceu do desejo de registrar, valorizar e afirmar a importância dos saberes e práticas de benzedores, benzedoras, curandeiros e curandeiras, e de sua relevância como Patrimônio Cultural Imaterial do Oeste Catarinense. Essas pessoas são mestres da sabedoria popular, e detêm um conhecimento que vai além da ciência: é regido por uma profunda comunhão com a natureza e pelo respeito à todas as formas de vida.²

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. In.: **Estudos Históricos**. Vol. 8, nº 15. Rio de Janeiro: 1995, p. 145-151.

AURAS, Marli. **Guerra do Contestado**. Florianópolis: UFSC, 1995.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global Editora, 2012.

CEOM. **Inventário da cultura imaterial cabocla no Oeste de Santa Catarina**. Chapecó/SC: Argos, 2008.

_____. **A voz de Chapecó**: artigos de Antonio Selistre de Campos – 1932 a 1952. Chapecó: Argos, 2004.

INSTITUTO Estadual do Patrimônio Cultural. **Medicina Popular**. Rio de Janeiro: Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, 1979.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado**. Campinas-SP: Unicamp, 2004.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Ainda se benze em Minas Gerais. **XXIV Simpósio Nacional de História**, 2007.

MARCON, Telmo. **História, memória e cultura**. Chapecó: Argos, 2003.

² Este texto é uma versão adaptada da Cartilha de poio didático, elaborada durante a execução da proposta.

MOREIRA, Neiva Marinho; WOLFF, Juçara Nair. Entre águas, galhos e rosários: práticas e experiências das mulheres benzedeiras em Xaxim. **Cadernos do Ceom**, Chapecó, n. 13, p. 157-182, 2001.

OLIVEIRA, Oséias de; PADILHA, Milene A. História, Memória e Benzimentos. **V Congresso Internacional de História**, 2011.

POLI, Jaci. Caboclo: pioneirismo e marginalização. **Cadernos do CEOM**. Para uma História do oeste catarinense: 10 anos de Ceom. Chapecó/SC: Unoesc, 1995, p. 71-110.

RENK, Arlene. **A Luta da Erva**: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense. 2. ed.rev. Chapecó/SC: Argos, 2006.

RODRIGUES, Bianca Bazzo. Poetas da Benzeção – ramos, santos, velas e benzimentos na criação cênica. **Contemporâneos** – Revista de Artes e Humanidades, n. 10, maio de 2012.

_____. **Crenças e quebraças de um corpo que dança** – poéticas do benzimento na criação cênica. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013 (Dissertação de mestrado).

SILVA, Victor Augustus G. As benzedeiras tradicionais de Curitiba: identificação e análises. **Relegens Thréskeia** estudos e pesquisas em religião, v.1, n.1, 2012.

SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da língua portugeza**. (fac-símile da segunda edição, 1813). Rio de Janeiro: Oficinas da S.A. Litho-Tipographia Fluminense, 1922.

WERLANG, Alceu Antônio. **Disputas e ocupação do espaço no Oeste Catarinense**. A atuação da Companhia Territorial Sul Brasil. Chapecó/SC: Argos, 2006.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

Entrevistados

Alzira dos Santos Esteriz

Ari Lazzarotti

Augusto José Maria

Bibiana Nogueira da Silva Wiamowiski

Caetano Costela

Carlota dos Santos

Davina Fátima Ferla

Gilda Schimidt Valente

Ignes Spada

Ildé Maria Gosch

Iracema Guilhermina Reche

Irma de Lurdes M. Sassi

João Batista Cruz

Lourdes Ermínia Gomes

Maria Eugênia da Silva

Melânia Robgheri

Olívia Alves

Olivina Rosário

Onélia Pinto Mendes

Primo Deodoro Demarchi Paludo

Rosalina Nogueira da Silva

Terezinha Oraíde dos Santos

Zenila Terezinha Baungratz